

# PSICANÁLISE E CULTURA: FEMININO E MASCULINO\*

---

Vera Marta Reolon de Oliveira\*\*

*“Tu nada explicas, ó poeta, mas por ti todas as coisas se tornam explicáveis.”*

Claudel

**Resumo:** O artigo busca, de forma interdisciplinar, investigar a questão da mulher, o feminino, como e em que se diferencia do masculino na cultura, a partir do imigrante italiano na Serra Gaúcha, retratado nas obras *O Quatrilho*, *A Cocanha* e *Mapa de viagem*, de José Clemente Pozenato. Especificamente, aparecem aqui as formas de comparecimento das figuras feminina e masculina, delimitando-as sob diferentes perspectivas (culturais, sexuais, sociais, religiosas, etc.) e busca-se transpor as informações coletadas para a realidade da mulher e do homem da Região de Colonização Italiana (RCI) no Rio Grande do Sul e em âmbito global.

**Palavras-chave:** psicanálise e conexões; gêneros feminino e masculino; cultura regional; literatura brasileira.

**Abstract:** Search, interdisciplinarity, investigate the question of women, feminine, how differ of masculine in the culture, from the italian immigrant of

---

\* Artigo resultado de adaptação da dissertação de mestrado, orientada pelo Prof. Pós-Doutor Jayme Paviani, intitulada *Mulheres para um homem, para O homem, A mulher: Constituição do Masculino e do Feminino no Novo Mundo – Estudos de Gênero na Serra Gaúcha*.

\*\* Psicanalista lacaniana, Doutoranda em Filosofia, Mestre em Letras e Cultura Regional, Psicóloga e Bacharel em Ciências Contábeis. Pesquisadora das conexões: Psicanálise/Sociologia/Filosofia/Antropologia/ Literatura/ Lingüística e suas relações com outras áreas do conhecimento.  
E-mail: jvgvegui@terra.com.br/vmreolon@brturbo.com.br

Serra Gaúcha, featured in masterpieces *O Quatrilho*, *A Cocanha* and *Mapa de viagem*, by José Clemente Pozenato. Specifiedrity, appear here the forms of the presence of the figures feminine and masculine, delimitate them under differents perspectives (cultural, sexual, social, religious, etc.) and search trans- pose the levy informations to the reality of woman and man from the region of italian immigration in the Rio Grande do Sul and in the global ambit.

---

**Key words:** psychoanalysis and conexions; kinds masculine and femi-  
nine; regional culture; brasilian literature.

Este trabalho delimita os modos de comparecimento das figuras masculina e feminina nas obras de Pozenato, *A Cocanha*, *O Quatrilho* e *Mapa de viagem*, além de observar as relações que essas diferentes figurações têm com a cultura, na RCI, no Rio Grande do Sul. Cultura e comunicação são interdependentes. A cultura necessita da comunicação para se “fazer ouvir e ver”, e a comunicação retrata, ou busca retratar, a cultura vigente.

Que visão de mulher tinha a sociedade da época da imigração e à época retratada nas obras literárias em questão? As figuras masculina e feminina diferem, são singulares, mas em que contexto o são? Constituem-se apenas na forma de vestir, de falar, de trabalhar, no social ou, além de todas as questões mencionadas, ainda diferem na apresentação psíquico-estrutural de cada um?

A mulher imigrante veio da Itália, como os homens, fugindo da miséria e da morte e buscando melhores condições de vida para si e para sua família, quer essa estivesse constituída ou não. Sofrem, homens e mulheres, os mesmos transtornos na viagem, nos trens, nos navios, na imigração, nos portos e nas alfândegas. São roubados, espoliados em seus pertences, nas informações que tinham até então (já que o que recebem nem sempre é o prometido!), em suas convicções sociais, psíquicas, enfim, em sua capacidade física e emocional.

As obras *A Cocanha*, *O Quatrilho* e *Mapa de viagem*, de Pozenato, mostram como as relações entre homens e mulheres se davam, não só no contexto social, mas no contexto particular de sua vida, em seus lares, no trabalho, em suas relações com a Igreja, com os padres, especificamente com a Igreja Católica.

Inicialmente, essa terra não tinha dono, os que aqui habitavam eram seres livres, que nelas transitavam igualmente, viviam e se alimentavam do que aqui era processado, plantado, colhido. Os brancos, que colonizam a terra, impõem sua cultura de forma dominadora. Ignoram a cultura existente ou mesmo negam que o que existia era cultura. O diferente era extinto, massacrado. O branco se adona das terras, toma posse, instala-se, espalha-se pelo território, registra seu nome nas terras, no fazer, no plantar, no colher, na vida.

O Rio Grande do Sul é ocupado mais tardiamente que o restante do País. Inicialmente, ao estado, chegam alemães e portugueses, que se estabelecem nas

terras mais planas. O italiano que aqui chega, na falta de melhores terras, nas regiões que foram anteriormente povoadas, busca espaços no planalto. Instala-se, então, e aqui traz sua cultura, seu sistema de plantio, de construções, sua alimentação, enfim, seus modos e costumes.

O solo de planalto do Rio Grande do Sul é parecido com o que os imigrantes habitavam na Itália, daí também suas preferências na escolha das terras e instalação. Da mesma forma, o imigrante que se estabelece nessa região, e seus descendentes são singulares. Como a terra é uma terra basáltica, dura, o homem que aqui habita é um ser embrutecido, forte, destemido como o solo. Os habitantes, imigrantes italianos, criam, dessa forma, mais do que uma identidade italiana, uma identidade do imigrante de colonização italiana, identificado com a terra, com o solo, com as novas condições de vida. A região que esse imigrante delimita, região teoricamente não apenas vista como divisão político-geográfica, mas como construção simbólica, constituindo uma rede de relações, como um espaço político-geográfico socialmente construído, é a região caracterizada na obra de Pozenato, em cada detalhe, nos diferentes personagens, na força de suas alegrias e de suas dores.

Nas obras de Pozenato, o regional tem características singulares. A construção da identidade extrapola fronteiras, traz o território italiano para o contexto brasileiro, sem deixar de ter uma singularidade ímpar com a terra que habita, o solo brasileiro. As idéias de região não constituem idéias acabadas de uma realidade concreta, são realidades em construção, influenciadas pelos valores simbólicos desenvolvidos em seus contextos e no decorrer da vivência do imigrante e de seus descendentes nessa terra.

Ao buscarmos analisar a obra literária de Pozenato, utilizando a psicanálise lacaneana, não podemos nos isentar de alguns conceitos de sua teoria, como a do inconsciente, do significante e do significado, conceitos presentes em toda sua obra (de Lacan). Para ele o “inconsciente está estruturado como linguagem”, e “significante é o que representa o sujeito para outro significante”. Assim, os estudos do comparecimento do masculino e feminino, nas obras *A Cocanha*, *O Quatrilho* e *Mapa de viagem* e o estudo das formações discursivas presentes nas obras, dos contactos de um e outro personagem, se dão através dos significantes lingüísticos, representantes da “coisa” no inconsciente.

Mais do que determinar o lugar feminino ou masculino num contexto histórico-antropológico, este trabalho busca ir mais além, determinando-o ou tentando determiná-lo num contexto discursivo, lingüístico-estrutural.

Ao iniciarmos este estudo histórico-antropológico, para nos situarmos no tempo, voltemos a nossa herança arcaica. Somos herdeiros de uma *civilização greco-romana*, daí carregarmos, estruturalmente, o lugar de inferioridade da mulher atribuído pelos gregos, além de termos a moral cristã impregnada em nossos fazeres e pensares, herdando-nos o masoquismo feminino, ao separar, em termos absolutos, as funções de reprodução

e de gozo, presentes na experiência erótica da mulher. O Cristianismo coloca o desejo feminino em um patamar de reprodução, em que o desejo é recalcado, e a Igreja controla o “pecado”, através das confissões e orientações do padre.

A Revolução Francesa e suas idéias iniciais de liberdade, depois ampliadas em outras lutas na busca dessa, principalmente a feminina, tornam possível a construção de um novo modelo de sexualidade, centrado na diferença sexual, encontrado na modernidade. Quando abordamos o tema *sexualidade*, já estamos inseridos no discurso psicanalítico, que, desde Freud, busca delimitar a natureza humana, sua estrutura. A maternidade é uma marca inexorável da natureza feminina.

A psicanálise, centrada no discurso das histéricas, precisa romper com o modelo essencialista da diferença sexual e se encaminhar para uma interpretação do erotismo centrada na feminilidade. A psicanálise começou com Freud em seus estudos centrados na escuta das histéricas, Anna O., Dora e outras, daí dizer-se que a psicanálise deriva desse discurso. A teoria psicanalítica não é histérica, mas sua “pedra fundamental” é a escuta das histéricas.

A arte retrata a sociedade em que o artista está inserido, a cultura em que vive, seus sentimentos e o que deseja transmitir, mas, principalmente, a arte transpõe uma época, mostra e demonstra uma história, a história do artista e a história social.

Muitas são as formas de manifestação dos artistas em suas obras, e essas obras retratam a realidade em que vivemos, mostram-nos nossa história, estruturam nossa vida.

Arte e história, memória e ficção, o que melhor retrata o real? Candido nos fala das diferenças entre a vida e a obra: “Na vida tudo é praticamente possível; no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres, e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida.” (CANDIDO et al., 1972, p. 76).

Diz, ainda, da necessidade de que o autor construa a obra, para que essa funcione como critério de coerência interna:

Se nos capacitarmos disso – graças à análise literária – veremos que, embora o vínculo com a vida, o desejo de representar o real, seja a chave mestra da eficácia de um romance, a condição do seu pleno funcionamento, e portanto do funcionamento das personagens, depende dum critério estético de organização interna. Se esta *funciona*, aceitaremos inclusive o que é inverossímil em face das concepções correntes. (CANDIDO, 1972, p. 77).

Para melhor analisar a obra de Pozenato, deve-se fazer uma pequena introdução, dizendo que o autor escreveu uma trilogia, para retratar a história de uma família de imigrantes italianos, três gerações, uma geração em cada obra. Em *A Cocanha*, Rosa e Aurélio, Gema e Bépi, Antônio Besana e Giulietta e o Padre Giobbe, como familiares de Ângelo, Pierina, Teresa e Máximo, respectivamente, que também aparecem em *O Quatrilho*, e os filhos de Pierina em *A Babilônia* (última

obra da trilogia, ainda não-publicada, tese de doutoramento do autor). A antologia poética de Pozenato está centrada em *Mapa de viagem*. Procuo analisar detalhes da vida desses personagens retratados nas obras, inicialmente em *A Cocanha*, centra-se a análise na figura das cinco andorinhas, cinco mulheres que emigram da Itália, com maridos arranjados para viajar ao Brasil com elas, além de alguns outros personagens que vêm desacompanhados, mas que se interligam nas relações sociais.

A obra *A Cocanha* reproduz a vinda dos imigrantes italianos à América, fugindo da miséria e da morte, fazendo uma travessia do Velho ao Novo Mundo, em busca da terra da promessa, da terra da opulência, do paraíso terrestre.

No início da obra, há todo um simbolismo do mito fundador, a travessia marítima, as dificuldades, a calmaria, as crianças negras que se jogam ao mar e nadam livremente, sem temor ou dificuldade.

É vendida ao imigrante a idéia de que a América é a terra da promessa, da opulência, de que aqui chegando ele poderá gozar a vida sem a necessidade de trabalhar. Mas é um engodo, há toda uma construção fictícia para que ele emigre, e essa é a idéia que os aliciadores lhe vendem.

No texto literário, fica-se com a certeza de que o que foi vendido ao imigrante mostrou-se falho e falso, já que, ao chegar, ele e sua família enfrentaram todas as dificuldades possíveis e problemas inimagináveis.

Através dos diferentes personagens apresentados pelo autor, solteiros ou casados, todos enfrentaram dificuldades em sua instalação, na aquisição das terras, no trabalho nessas terras, em manter-se e sobreviver.

No personagem Domênico, tem-se a visão do imigrante que vem com alguma posse financeira, além de trazer alguma arte. Ele toca em banda e é alfaiate. Esse personagem emigra sem a família, que fica na Itália, aguardando que ele se instale no Brasil para depois mandar buscá-los. Ele se envolve com mulheres e vive uma vida boêmia. Sua figura é singular porque ele será o pai biológico de Teresa, já que ela é gerada de uma traição de Giulieta, quando de seu afastamento para a cidade, para fugir dos maus tratos impetrados por seu marido Antônio. Os encontros de Domênico e Giulieta se dão no rio, assim como os encontros de Teresa e Máximo em *O Quatrilho*. O rio, a água, é um símbolo para o autor da concretização do amor. O rio é a metáfora utilizada pelo autor para retratar o amor. Na obra poética analisada, a água, representando o amor, vem na figura da água de um poço.

É por Domênico também, na obra *A Cocanha*, que temos presentes os esquemas políticos vigentes na época, além da presença da Maçonaria, já à época da colonização, nos meios sociais.

Os personagens centrais de *A Cocanha* fixam-se em torno das *rondinele*, cinco amigas “andorinhas” de Roncà, em Verona, na Itália. Elas moram próximas, em Santa Corona, juntamente com seus maridos. Betina, a quinta das *rondinele*, a única solteira do grupo, não vem ao Brasil, fica na Itália.

Os grupos de imigrantes que se formam acabam constituindo famílias, relações de amizade, pois suas famílias de origem ficaram na Itália, e os casais uniram-se para emigrar.

Além das *rondinele* e seus esposos, aparece uma figura singular, a de Roco, ferreiro, solteiro e dono de pensão, que se envolve na política, depois a abandona, casa-se com Marieta, uma auxiliar na pensão, e vive uma vida mais tranqüila. Roco é quem, mais tarde, em *O Quatrilho*, irá conversar com Teresa e apresentar-lhe uma vida diferente da vigente, mostrada pela Igreja Católica, o que propiciará que ela viva o amor com a intensidade que deseja.

Betina é a *rondinela* decidida, que não segue com os outros, não “vai com a maré”. Ela lança, na história familiar, a marca de ser uma mulher que não se afeta com as opiniões, que não teme o futuro.

Marieta é a *rondinela* mais velha, que já tem filhos, a parteira do grupo, aquela que “dá o tom” na vida das mulheres, de como elas devem ser e agir. Ela é casada com Cósimo, o líder do grupo, aquele que nomeia a localidade como Santa Corona. Marieta e Cósimo, então, desempenham o papel de mãe e pai do grupo.

Gema é a mulher forte, decidida. Gema carrega uma figura masculina em um corpo de mulher. Ela é uma mulher fálica, que nega sua feminilidade, para suprir as necessidades de um homem na família, já que Bépi, seu marido, é um homem feminino.

Giulietta é uma mulher inteligente, que não aceita ser mandada por todos na casa, que tem o desejo estrutural da busca da liberdade. Ela, como mãe de Teresa, levará à filha esse desejo em sua busca pelo amor.

O desejo, que nos estrutura como seres humanos e nos induz à busca da vida no decorrer de nossa existência, nos é “transmitido” no desejo do *Outro*, desejo daquele que um dia nos desejou (antes de nossa geração, por nossos pais) e que, mais tarde, nos “olhou” com um olhar de possibilidades para viver e ser feliz. Esse desejo inicial, estrutural, lançado pelo *Outro*, é o que denominamos, em psicanálise, amor, amor de estrutura.

Giulietta, na obra, demonstra ter amado Teresa, desejado esse filho, até porque Teresa era a lembrança constante da possibilidade da vivência do amor, já que foi resultado de uma situação furtiva entre ela e Domênico, mas de uma situação de liberdade e libertadora para ela. Daí Teresa trazer uma marca amorosa muito forte. Também não podemos deixar de observar que a vinda de Teresa lança diferença sobre o lar de Giulietta e Antônio, pois a partir da “traição” dela os dois passam a ter uma vida familiar mais completa e pacífica. Teresa carrega a marca estrutural do amor, instituidor de desejo na estrutura.

Rosa, a outra *rondinela*, é casada com Aurélio. Os dois são os pais de Ângelo. Ambos casam-se por amor, sendo essa sua importância, apesar das dificuldades enfrentadas. Este amor dará forças a Ângelo para buscar o progresso pessoal e profissional.

A obra *O Quatrilho* é uma ode, um louvor ao amor, à busca pelo amor e à conciliação entre os casais. Teresa, inicialmente, é casada com Ângelo, e Pierina, com Máximo. No decorrer da história, vemos Teresa, uma mulher feminina, aproximar-se de Máximo, um homem masculino. Os dois se apaixonam e vão embora da localidade para viver o seu amor.

Pierina, filha de Gema, e com ela identificada, apresenta-se como uma mulher fálica, que inicialmente vive o casamento como uma imposição social. Casar para auxiliar nas lidas da casa e gerar filhos para o trabalho na colônia. Com a traição do marido, ela acaba descobrindo a sua força feminina, seu poder de sedução e, aparentemente, descobrindo o amor, aproxima-se de Ângelo. Pierina e Ângelo, assim, progridem numa boa sincronia, formando uma família forte na localidade.

Os personagens de Roco e Scariot são os *iluminadores*, um para Teresa, outro para Máximo, quanto à busca da liberdade e do amor. Os Padres Gentile e Giobbe apresentam-nos, enquanto leitores, as vozes da repressão e da moral vigentes na localidade: padre Gentile usa da prepotência e do poder que a Igreja Católica lhe outorga, enquanto seu representante, para ditar as normas e condutas, faz julgamentos nem sempre corretos e justos; padre Giobbe, ao contrário, é o padre justo, reflexivo dos acontecimentos e da vida, ele nos traz a visão do narrador, através da percepção dos fatos que ocorrem em Santa Corona.

Em *Mapa de viagem*, encontramos três poemas significativos: “Declaração de Amor”, um poema onde se abstrai que os lugares masculino e feminino, como a realidade, não são tão determinados, muitas vezes andam juntos, misturados; “Quando o Amor”, que parece dar uma seqüência ao primeiro, pois, após a descoberta do amor, os corpos se descobrem, se revelam, um se mostra ao outro, sabe-se do Outro e de si mesmo através do olhar que lança ao olhar do Outro; e “Os Retratos na Sala”, que mostra o casal já mais velho revivendo sua vida nos descendentes, mostra também a visão da mulher mantida sob o jugo do marido, canalizando sua libido e sua dor na religiosidade.

Um estudo, nas palavras de Paviani (2005), “é um abrir horizontes, um propor novos caminhos. O decisivo é fazer o caminho”. (p. 23). O presente estudo, dos lugares masculino e feminino, na cultura da Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, propõe isto: um novo olhar sobre esses lugares.

Candido nos ensina sobre a composição da estrutura do romance e sobre o sentimento de realidade que uma obra porta:

O trabalho de compor a estrutura do romance, situando adequadamente cada traço que, mal combinado, pouco ou nada sugere; e que, devidamente *convencionalizado*, ganha todo o seu poder sugestivo. Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentimento da realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organiza-

ção é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos. (CANDIDO, 1972, p. 79).

Através da análise das obras literárias, na figura de seus personagens, se chega a uma idéia de que os lugares masculino e feminino não são estanques, além de não estarem vinculados a um corpo biológico. Um homem, biologicamente masculino, pode ser emocional, psíquica e estruturalmente feminino, assim como uma mulher, biologicamente feminina, pode ser masculina no campo estrutural. Os casais se constituem e acabam se completando em suas diferenças estruturais, de tal forma que se estabilizam, formando uma família regular.

Na RCI no Estado do Rio Grande do Sul, a mulher não difere da mulher “universal”, na sua estruturação e nos aspectos psíquico-emocionais que a estruturam como ser, mas essa mulher porta características singulares que fazem “marca cultural”, como comprovado pela sua apresentação nas obras estudadas.

Temos pensado, tradicionalmente, nas mulheres, desde a sociedade grega, fazendo chá e servindo aos homens, mesmo entre os apóstolos de Jesus, para citarmos a tradição cristã que, junto à civilização grega, nos constitui como estrutura histórico-antropológica. Quer seja apenas literatura, ou não, muitos historiadores têm dedicado sua vida provando que Maria Madalena era mais do que uma serva, estava ao lado de Jesus e de seus apóstolos como membro *efetivo* do grupo. Se os Evangelhos esqueceram-se dela, ou deliberadamente a ignoraram, não sabemos, não temos certeza ainda. O que sabemos é que a mulher, enquanto membro de uma sociedade, tem crescido e buscado seu espaço na modernidade. Isso tem feito com que homens e mulheres saiam de uma visão apenas biológica de masculino e feminino para estudos mais amplos e mais corretos do que é ser um homem ou uma mulher. A cultura vigente apenas sedimenta os lugares tradicionalmente existentes. O que fica é um grande desejo de mudanças estruturais que busquem respostas mais condizentes com a realidade e com o desejo de cada um. Desejo esse estrutural, primeiro, marcadamente amoroso.

A obra literária é um tipo de conhecimento que representa aquilo que a psicanálise enquanto teoria, a sociologia, a antropologia, entre outras teorias enquanto ciência, já revelam. A leitura da obra nos remete à realidade vivida. Os autores apresentam, em suas obras, o conhecimento que vivenciamos na realidade. A obra de Pozenato consegue retratar a realidade e nos dá a impressão de seres vivos. Candido diz da importância de que

a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve *lembrar* um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida. (CANDIDO, 1972, p. 64).



Assim, as obras de Pozenato confirmam a vida das imigrantes italianas, sua dura realidade, de muita dor e trabalho, além de atestarem o lugar da mulher na sociedade vigente, de inferioridade, de objectualização aos desejos do homem.

A constituição do feminino extrapola o regional. O feminino, enquanto especificidade de gênero, extrapola esse regional e apresenta-se como universal em suas diferentes abordagens. O que observamos, como especificidade regional, na RCI, marcadamente vinculada ao fazer, ao trabalho, é que a mulher, enquanto esposa, enquanto lugar social feminino, se apresenta como uma “esposa/trabalho”. Quer-se dizer, com isso, que a mulher, em sua maioria, vincula o lugar feminino, no casamento, como uma “tarefa para gerar filhos”, para auxiliar na produção, nos trabalhos nas colônias. Quando ela chega à menopausa, há um libertar-se, um viver mais espontâneo, desvinculado do “trabalho” de atender ao marido. Ela passa a ser uma mulher mais solta e, aparentemente, mais feliz, talvez mais feminina. Mas esse lugar feminino é um engodo, porque ela só se apresenta mais fálica, mais *poderosa*, mais masculinizada. Observa-se essa condição *travestida* também nas viúvas, *mãezonas*, porque portam em si o lugar de mãe e pai, são poderosas.

O verdadeiro feminino, se é que há, é da ordem de um ultrapassar o falo, aceitar a castração e ultrapassá-la, viver com intensidade o seu lugar em qualquer momento.

A análise do texto literário, também uma arte, faz os personagens ganharem vida. Tem-se a sensação, ao analisá-los, de que estão vivos, presentes entre nós, o que dá força ao texto analítico. Analisar uma obra, deixando-se levar pelas personagens, traz uma riqueza de detalhes, enriquecendo o saber teórico, aprofundando-o como nos confirma Rosenfeld:

Somente quando o apreciador se entrega com certa inocência a todas as virtualidades da grande obra de arte, esta por sua vez lhe entregará toda a riqueza encerrada no seu contexto. Neste sentido pode-se dizer com Ernst Cassirer que afastando-se da realidade e elevando-se a um mundo simbólico o homem, ao voltar à realidade, lhe apreende melhor a riqueza e profundidade. Através da arte, disse Goethe, distanciamos-nos e ao mesmo tempo aproximamos-nos da realidade. (ROSENFELD, 1972, p. 49).

A palavra sexo, *secare*, em latim, significa cortar, separar. Masculino e feminino são divisões de um mesmo ser. Um termo só faz sentido em contraposição, em comparação com o outro. Para que haja sexuação, é necessário que o sujeito se inscreva na função fálica, independentemente de sua anatomia. A diferença sexual é um recorte simbólico, que é resultado de movimentos psíquicos que permitem ao sujeito uma referência a seu sexo anatômico, que o designará homem ou mulher.

Souza, em seu artigo “Identidade e diferença: da mera identificação ao diferencial de gênero”, para a obra *As mulheres e a filosofia*, apresenta uma bela conclusão quando diz que gênero é uma “construção”, um “constituir” diferença, ato ético, humano por excelência:

“Construir” gênero – ou seja, constituir diferença – é um ato humano por excelência, um ato ético que supera as determinações da identidade ao assumir a contingência do “ainda não”, ao ser *no* tempo e apostar na construção do tempo – do *novo* tempo: o tempo da *diferença*. Mas diferença *real*, para além do jogo de espelhos da racionalidade tradicional e das infinitas gradações de violência que ela comporta e justifica em sua hipertrofia tautológica. (SOUZA, 2002, p. 242).

Ao término deste trabalho, não se têm respostas estanques, apenas mais perguntas, mas o que importa é que a arte, novamente, nos dá uma solução parcial, porque a vida não é final, é sempre parcial. Na voz de Antônio Carlos Jobim, em seu belo poema/canção “Águas de Março”, sempre ouvido na maravilhosa voz de Elis Regina, tem-se o masculino e o feminino novamente simbolizados e presentes:

“É pau, é pedra, é o fim do caminho  
É um resto de toco, é um pouco sozinho  
É um caco de vidro, é a vida, é o sol  
É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol  
É peroba do campo, é o nó da madeira  
Caingá, candeia, é o Matita Pereira  
É madeira de vento, tombo da ribanceira  
É o mistério profundo, é o queira ou não queira  
É o vento ventando, é o fim da ladeira  
É a viga, é o vão, festa da cumeeira  
É a chuva chovendo, é conversa ribeira  
Das águas de março, é o fim da canseira  
É o pé, é o chão, é a marcha estradeira  
Passarinho na mão, pedra na atiradeira  
É uma ave no céu, é uma ave no chão  
É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão  
É o fundo do poço, é o fim do caminho  
No rosto o desgosto, é um pouco sozinho  
É um estrepe, é um prego, é uma ponta, é um ponto  
É um pingo, pingando, é uma conta, é um conto  
É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando  
É a luz da manhã, é o tijolo chegando  
É a lenha, é o dia, é o fim da picada  
É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada  
É o projeto da casa, é o corpo na cama  
É o carro enguiçado, é a lama, é a lama  
É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã  
É um resto de mato, na luz da manhã  
São as águas de março fechando o verão  
É a promessa de vida no teu coração  
É uma cobra, é um pau, é João, é José  
É um espinho na mão, é um corte no pé  
São as águas de março fechando o verão

É a promessa de vida no teu coração  
É pau, é pedra, é o fim do caminho  
É um resto de toco, é um pouco sozinho  
É um passo, é uma ponte, é um sapo, uma rã  
É um Belo Horizonte, é uma febre terça  
São as águas de março fechando o verão  
É a promessa de vida no teu coração  
É pau, é pedra, é o fim do caminho  
É um resto de toco, é um pouco sozinho  
É um caco de vidro, é a vida, é o sol  
É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol  
São as águas de março fechando o verão  
É a promessa de vida no teu coração.”

Apesar das pedras, dos paus, das dificuldades, chega-se ao fim do caminho, um pouco, não de todo, sozinho, com mistérios profundos a desvendar, quer queiramos ou não.

É a luz da manhã iluminando o caminho na promessa de vida em nossos corações. [...] São as águas (amor) de março fechando o verão e fechando um “início” de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise: lingüística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. *A diferença sexual*. Porto Alegre: APPOA, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Brasil: psicanálise, ficção e memória*. Porto Alegre: APPOA, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1989.
- CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Madrid: Siglo Veintiuno/España Editores, 1990. v. 1 e 2.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Televisão*. Rio de Janeiro: Campo Freudiano do Brasil/Zahar, 1993.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- OUTEIRAL, José; MOURA, Luíza. *Paixão e criatividade: estudos psicanalíticos sobre Frida Kahlo, Camille Claudel e Coco Chanel*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- PAVIANI, Jayme. *A racionalidade estética*. Porto Alegre: Edipucrs, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Cultura, humanismo e globalização*. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- \_\_\_\_\_. Donde se avista o caminho. *Pioneiro*, Almanaque, p. 23, 26-27, mar. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Estética mínima: notas sobre arte e literatura*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- POZENATO, José Clemente. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Mapa de viagem*. Caxias do Sul: Educs, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O Quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- QUINET, Antônio (Org.). *Jacques Lacan: a psicanálise e suas conexões*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla (Org.). *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.